

Defesa Nacional: tradição, inovação e liderança

Gen Ex R1 Paulo Sérgio Nogueira de Oliveira*

Proteger a si mesmo, o seu grupo e o espaço físico onde vive sempre foram alguns dos objetivos básicos do ser humano. Presente na formação primária da sociedade, a defesa tem bases alicerçadas na tríade tradição-inovação-liderança.

A arte da defesa se vale do conhecimento provido por todas as áreas da ciência, tanto as humanas quanto as exatas. Afinal, é intrínseco ao ser humano usar toda a sua capacidade para garantir a sua existência. Logo, conhecer a fundamentação da defesa nacional deve ser objeto de engajamento permanente da sociedade.

Ao celebrarmos os 220 anos de nascimento do marechal Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, um dos maiores heróis da pátria, somos inspirados pela lendária figura desse singular personagem histórico a refletir acerca da tradição e da inovação na defesa nacional brasileira e suas relações com a liderança.

* General de exército R1, oriundo da arma de infantaria, da turma de 1980, da AMAN. Além dos Cursos de Formação, de Aperfeiçoamento, de Altos Estudos Militares e de Política, Estratégia e Alta Administração do Exército, realizou o Curso de Operações na Selva e os estágios de Combatente de Montanha, Operações Psicológicas e Comunicação Social. Foi instrutor na Academia Militar das Agulhas Negras, comandante do Curso de Infantaria, do 10º Batalhão de Infantaria de Montanha e adido de Defesa, Naval, do Exército e Aeronáutico, junto à Embaixada do Brasil no México. Como oficial-general, foi chefe do Estado-Maior do Comando Militar do Oeste; comandante da 16ª Brigada de Infantaria de Selva; chefe do Estado-Maior do Comando Militar da Amazônia; comandante da 12ª Região Militar; comandante logístico do Hospital das Forças Armadas; comandante militar do Norte; chefe do Departamento-Geral do Pessoal; comandante do Exército Brasileiro (abril/2021 a março/2022); e ministro de Estado da Defesa (abril/2022 a dezembro/2022).



Fonte: eb.mil.br
Cb Estevam/CComSEx

“

Em uma de suas definições, a palavra tradição contempla o “conjunto de ideias e valores culturais, morais e espirituais transmitido de geração em geração”.¹ A tradição é gerada a partir das interações sociais que orbitam em torno das ideias e dos valores individuais, familiares, organizacionais, institucionais e pátrios que evoluem gradualmente, refletindo o que se entende como senso comum em determinada época. Assim, a tradição vai assumindo contornos diferentes ao longo dos séculos, todavia mantendo a centralidade dos princípios e dos valores perenes da sociedade.

”

Na atividade militar,² a tradição é fundamental, pois propicia a transmissão de tudo aquilo que forma a arte militar: o pensamento militar; a forma de combater, empregando armamentos, equipamentos e táticas; bem como os valores, ideais, comportamentos e atitudes peculiares da vida castrense. Fortemente presente nas Forças Armadas, a tradição transmite os valores pelas gerações de militares, motivando o soldado do presente a reproduzir os exemplos de dedicação, competência, resiliência e coragem de seus antecessores, além de, também, ser exemplo para as gerações vindouras. Podemos afirmar que a tradição é basilar para a formação do soldado.

Como em qualquer nação, a defesa do Brasil foi uma das primeiras atividades na então colônia de Portugal e a sua relação com a formação da nacionalidade brasileira é notória. A expansão e a consolidação do território brasileiro estão diretamente associadas a expedições com a presença do viés militar. Estabeleceram-se fortes e fortins no litoral e pelo sertão. Invasores foram combatidos e expulsos pelas armas. A independência foi garantida pela ação militar da Marinha e do Exército. A soberania do país foi defendida nos conflitos externos.

Decorreu da tradição pacífica do povo brasileiro, mas de muita bravura e determinação na defesa da terra, a postura do Brasil no cenário das nações se formou em torno do ideal de convívio ordeiro e de cooperação, sem abdicar da soberania.

Assim, a tradição, espelho do ideário social brasileiro, teve influência direta na concepção política de defesa nacional, calcada na dissuasão como intuito primeiro.³ A tradição transmite, também, os valores, os ideais e as peculiaridades da arte da defesa. É com esteio na tradição que as Forças Armadas do Brasil são forjadas, tendo como sua principal fortaleza a devoção dos nossos militares à defesa da pátria e ao povo brasileiro. O fruto dessa peculiar característica é a solidez da nossa doutrina de defesa.

Por sua importância, a tradição deve ser enaltecida, difundida e aperfeiçoada pela sociedade. A defesa deve ser constantemente valorizada em todos os níveis, do político ao tático, mediante a presença de valores e virtudes nas práticas sociais; a transmissão do conhecimento acumulado e aperfeiçoado em cinco séculos de história; e o culto aos heróis militares e civis, aos fatos históricos e aos símbolos que representam os ideais da pátria, especialmente a liberdade, a solidariedade, a fraternidade, a soberania e a democracia.

“

Outro viés da defesa é a inovação. A transformação da pedra e da madeira em armas e o desenvolvimento das formas de empregá-las no combate assinalam que a inovação é um dos fundamentos da defesa desde os primórdios da humanidade.

Desenvolver novas armas e táticas significa vantagem contra as ameaças. Desse modo, a inovação movimenta o progresso da defesa. A revolução industrial acelerou a inovação, introduzindo armamentos e equipamentos que transformaram a defesa, cuja eficiência passou a ficar associada às capacidades científico-tecnológicas do país, demandando capacitação ainda mais minuciosa dos militares.

”

Na segunda metade do século XX, o conhecimento aumentou exponencialmente, impactando a defesa em proporções nunca vistas. Produzir, inter-relacionar e gerir o conhecimento se tornou tão relevante quanto dispor de armas modernas.

No limiar do século XXI, a era do conhecimento foi impulsionada pelas tecnologias digitais de informação e comunicação, impondo maior velocidade ao ciclo decisório da defesa. Com o avanço da internet e o advento das mídias sociais, a notícia é divulgada quase em tempo real, fazendo com que a tomada de decisão tenha caráter de urgência.

Nesse turbilhão de transformações, a inovação é fundamental. Na defesa, essa inovação resulta em armamentos, equipamentos e sistemas cada vez mais capazes de atuar autonomamente. A inteligência artificial, a robótica e a cibernetica tornam-se imprescindíveis. Assim, o foco da defesa passa a ser a obtenção de capacidades nacionais de defesa⁴ ajustadas a essa realidade.

No Brasil, novas capacidades de ponta têm sido obtidas por intermédio, especialmente, dos programas e dos projetos estratégicos das Forças Armadas. Os programas Submarino Nuclear, Forças Blindadas e F-X2 (caças GRIPEN) são os principais, mas não os únicos, que agregam capacidades indispensáveis à defesa nacional e devem, por conseguinte, ter seus cronogramas executados à risca.

Para isso, a defesa necessita de recursos orçamentários e financeiros à altura da importância política e estratégica do Brasil. Em 2021, ocupando o cargo de comandante do Exército, e em 2022, na condição de ministro de Estado da Defesa, tive a oportunidade de enfatizar às Comissões de Relações Exteriores e de Defesa Nacional, do Senado Federal e da Câmara dos Deputados, a necessidade de alcançarmos, progressivamente, um orçamento de defesa correspondente a 2% do PIB.⁵

Conhecedores das dificuldades de alocação de recursos orçamentários e de sua execução, temos em mente que inovar na gestão dos recursos de defesa se faz imperioso. Assim, uma inovação a ser pensada e discutida com a sociedade seria a criação de mecanismos na legislação que entreguem à defesa orçamento de longo prazo, com regras específicas de execução, controle e transparência.

De nada adiantam a tradição e a inovação, todavia, sem mentes que orientem e conduzam as pessoas a dar concretude à defesa nacional. A existência de lideranças é o que faz o grupo social, em especial aquele dedicado à defesa, aplicar, na realidade, os conhecimentos e os valores da tradição com as inovações doutrinárias e tecnológicas. A defesa torna-se efetiva por intermédio não somente de líderes militares na arte de combater no campo de batalha, mas também de líderes, militares e civis, capazes de antever, política e estrategicamente, a obtenção de capacidades e a organização, o preparo e o emprego dos meios da nação para a sua defesa.

No Brasil, o Duque de Caxias é um dos maiores exemplos de aplicação da tríade tradição-inovação-liderança. O insigne marechal pautava-se pela tradição e valia-se da inovação. Foi líder militar em todos os níveis – tático, operacional e estratégico – e, ainda, uma referência de liderança na política nacional. Tendo seu batismo de fogo na Guerra de Independência do Brasil (1822-1823), o marechal liderou, desde cedo, no campo de batalha. Foi como exímio comandante estratégico e hábil líder político, entretanto, que Caxias mais se notabilizou.



Fonte: eb.mil.br
Cb Estevam/CComSEx

Sempre fortaleceu a tradição, que lhe servia de referência de virtudes e de repositório de conhecimento. Por outro lado, grande parte do seu mérito desempenho como líder militar se deveu à sua capacidade de aplicar a doutrina militar mais inovadora do século XIX. Caxias foi inovador na instrução e no preparo da tropa, na organização da logística, no emprego de novos armamentos e equipamentos e na execução de manobras estratégicas de envolvimento, fundamentais para a vitória na Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870).

Como comandante das armas da Corte, presidente de província, senador do Império, ministro da Guerra e presidente do Conselho de Ministros, Caxias também inovou na sua perspicaz visão política. Contrariando a prática comum na época, jamais usou de espoliação política dos vencidos. Foi conciliador e justo, promovendo a convivência pacífica que o brasileiro tanto preza.

Sempre fortaleceu a tradição, que lhe servia de referência de virtudes e de repositório de conhecimento. Por outro lado, grande parte do seu mérito desempenho como líder militar se deveu à sua capacidade de aplicar a doutrina militar mais inovadora do século XIX.



“

Caxias foi inovador na instrução e no preparo da tropa, na organização da logística, no emprego de novos armamentos e equipamentos e na execução de manobras estratégicas de envolvimento, fundamentais para a vitória na Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870).

Como comandante das armas da Corte, presidente de província, senador do Império, ministro da Guerra e presidente do Conselho de Ministros, Caxias também inovou na sua perspicaz visão política. Contrariando a prática comum na época, jamais usou de espoliação política dos vencidos.

Foi conciliador e justo, promovendo a convivência pacífica que o brasileiro tanto prezava.

”

De Caxias à atualidade, as transformações tecnológicas e comportamentais das sociedades vieram gradativamente acelerando, com impactos na liderança. Por exemplo, no século XX, a invenção de armas mais precisas e mortíferas exigiu mais do líder tático no comando de sua tropa. De modo semelhante, ao líder político foi muito mais desafiadora a decisão de autorizar o emprego, como jamais visto, da massa de meios humanos e materiais no desembarque na Normandia, na Segunda Guerra Mundial. Da mesma forma, fazer o Brasil, um país essencialmente agrícola e subdesenvolvido à época, enviar a Força Expedicionária Brasileira, com cerca de 25 mil militares, para lutar na Europa contra um inimigo experiente e ao lado das tropas dos melhores exércitos do mundo foi um enorme desafio para as nossas lideranças, civis e militares, superado com pleno êxito.

Hoje, grandes mudanças sociais e tecnológicas são mensuradas em poucos anos e não mais em décadas. Lidar com as novidades do mundo digital exige dos líderes a capacidade de antever e compreender a matriz de possibilidades que delas decorrem. Isso implica a necessidade de se conhecer, com mais rigor, as variáveis que influenciam a área de defesa. No campo imaterial, valores e ideais são fragilizados por novas formas de ver o mundo e a vida em coletividade. O senso coletivo é contestado. Narrativas conflitam com a tradição e a ordem até então dominante. A sociedade fragmenta-se em grupos isolados ao redor de suas ideias, que rejeitam as dos demais grupos.

Nesse ambiente, a liderança na sociedade revela-se cada vez mais difícil. Assume proeminência a liderança transformacional, ou seja, aquela que transforma a postura do indivíduo e dos grupos de indivíduos no sentido de adotarem, voluntariamente, atitudes alinhadas com um núcleo forte de valores da sociedade, calcados na tradição, mas abertos à boa, inevitável e necessária inovação.

É preciso que o líder possua habilidades que convençam seus liderados a acreditar e a fazer o que é o certo. Para isso, deve desenvolver neles a capacidade de serem críticos e de saberem filtrar o bombardeio de deturpações e inverdades que permeiam o mundo dos dias atuais.

Nesse ponto, cabe resgatar que os conceitos de liderança transformacional estão presentes nas Forças Armadas brasileiras desde há muito. Uma mostra é a célebre concitação feita pelo marechal Osório aos seus comandados, no Passo da Pátria, em 1866, durante a Guerra da Tríplice Aliança: “Soldados, é fácil a missão de comandar homens livres: basta mostrar-lhes o caminho do dever. O nosso caminho está ali em frente!”.

Embásado na minha experiência de militar, com mais de 48 anos servindo ao Brasil, e honrado por ter sido comandante do glorioso Exército Brasileiro – o Exército de Caxias – e ministro de Estado da Defesa, finalizo esta breve reflexão com a convicção de que a tríade tradição-inovação-liderança constitui a linha mestra da defesa de nosso amado Brasil e deve, portanto, ser mantida sólida pela sociedade e, em especial, pelos civis e militares que atuam na defesa nacional.

Notas

¹ Definição extraída do *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis*.

² O viés militar é a essência da defesa, mas não é o único, pois essa congrega atividades de todos os campos do poder nacional.

³ “A paz e a estabilidade nas relações internacionais requerem ações integradas e coordenadas nas esferas do Desenvolvimento, para a redução das deficiências estruturais das nações; da Diplomacia, para a conjugação dos interesses conflitantes de países; e da Defesa, para a dissuasão ou o enfrentamento de ações hostis” (Política Nacional de Defesa e Estratégia Nacional de Defesa, p. 21, versão aprovada pelo Senado Federal, em 2022, e atualmente sob apreciação da Câmara dos Deputados).

⁴ “São consideradas Capacidades Nacionais de Defesa (CND) aquelas compostas por diferentes parcelas das expressões do Poder Nacional. Elas são implementadas por intermédio da participação coordenada e sinérgica de órgãos governamentais e, quando pertinente, de entes privados orientados para a defesa e para a segurança em seu sentido mais amplo. Assim, destacam-se dentre as CND: Proteção, Pronta-Resposta, Dissuasão, Coordenação e Controle, Gestão da Informação, Logística, Mobilidade Estratégica, Mobilização e Desenvolvimento Tecnológico de Defesa” (Política Nacional de Defesa e Estratégia Nacional de Defesa, 2022, p. 35).

⁵ A Política Nacional de Defesa e Estratégia Nacional de Defesa têm como uma das Ações Estratégicas de Defesa: “AED 14 – Buscar a destinação de recursos orçamentários e financeiros capazes de atender às necessidades de articulação e equipamento para as Forças Armadas, por meio da Lei Orçamentária Anual, no patamar de 2% do PIB” (Política Nacional de Defesa e Estratégia Nacional de Defesa, p. 63, versão aprovada pelo Senado Federal, em 2022, e atualmente sob apreciação da Câmara dos Deputados).





Fonte: eb.mil.br
Cb Estevam/CComSEx



Batalha do Ayacucho
Pedro Américo
Museu Nacional de Belas Artes